

O NÍTIDO E O OBSCURO DA VISÃO: PROPONDO OLHARES

The clear and the obscure of the vision: proposing views

Thiago Rossi Viana¹

RESUMO

A partir de considerações sobre a ideia de imagem, e em especial sobre a fotografia, da autora Susan Sontag, a pretensão desse texto será de transcrever as sensações despertadas pelo olhar que percorre trilhas sobre um conjunto específico de fotografias de um determinado autor. A gravitação será sobre os trabalhos do fotógrafo brasileiro Claudio Edinger, cujos cenários foram cidades como de São Paulo, Rio de Janeiro e Paris.

Palavras-Chaves: Imagem. Fotografia. Linguagem fotográfica.

ABSTRACT

Starting with some considerations about the concept of image, especially photographs, by Susan Sontag, the aim of this text is to transcribe the feelings that were raised by the pathways created by looking at a specific set of photographs by one specific author. The focus will be on the works of the Brazilian photographer Claudio Edinger, whose sceneries were the cities of São Paulo, Rio de Janeiro and Paris.

Keywords: Image. Photography. Photographic language.

¹ Professor, Escola Estadual Amácio Mazzaropi. cpthiago@yahoo.com.br.
✉ Avenida Vila Rica, 541. 12050-480. Taubaté, SP.

PREAMBULANDO

De maneira objetiva, Neiva Jr. (2006) afirma que a imagem é basicamente uma síntese que oferece, simultaneamente, traços, cores e outros elementos visuais. Sontag (2004), por sua vez, vai além ao abordar um tipo específico de imagem, a fotografia. Para ela, as fotos são indícios não só do que existe, mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro, mas uma avaliação do mundo.

Abstraindo as palavras de Sontag, luzes interceptam. Inevitáveis. O início já é arrebatador: “as fotos são indícios não só do que existe...” (SONTAG, 2004, p. 105). Então, supõe-se que o que existe não é tudo? Que há algo a mais? E que as fotos têm o poder de reunir os vestígios do que existe e do que tem a mais? Muita pretensão. É certo o engano.

Na frente, a procura da rendição. A idéia parece boa. Mas o sucesso tem mais degraus. “As fotos são indícios” [...], grita o texto, “daquilo que um indivíduo vê” (SONTAG, 2004, p. 105). A saída foi então culpar o indivíduo. Responsabilizar cada ser, com seu universo único e indivisível, foi o caminho para “ver” as evidências? Parece desobrigação. Desapego. Individualização de normas. Luzes infinitas.

O grito segue mais alto. Palavras organizadas. Escândalo. A foto é também mais que um registro. As cordas vocais vibram: “não apenas um registro” ((SONTAG, 2004, p. 105)). Então há sempre uma possibilidade a mais? Os limites são maiores e relativos? A idéia é não ter fronteiras? Mas se não há uma mirada, por que mirar?

Ápice da pretensão. E nenhum amigo avisou. Que final. “As fotos” [...] (possibilitam) uma avaliação do mundo” (SONTAG, 2004, p.105). É poder demais. Se assim o for, a felicidade certamente já foi fotografada.

A proposta desse texto é experimentar o sentido da visão. Deslizar o olhar e deixar que ele “apalpe” o que esta diante de si. Ler um conjunto de fotografias de um autor específico e a presunçosa meta de provocar

as afirmações que sustentam esse pensamento proposto por Sontag. A ideia não é concordar, mas discordar primeiro. Discordar dessas impossíveis possibilidades da fotografia. Duvidar da autora para dar a chance de redenção. Afirmar a mudança. Lapidar. Gritar NÃO vai ser o caminho para falar sim. Vou poder reafirmar o novo como já velho. Criar um devir. Quero também dizer que Susan é grande.

A FOTOGRAFIA NOS OLHOS E OS OLHOS NA FOTOGRAFIA

O delírio começa com uma imposição. Direta e específica. E Sontag segue: fotografar é atribuir importância. Provavelmente não exista tema que não possa ser embelezado; além disso, não há como suprimir a tendência, inerente a todas as fotos, de conferir valor a seus temas. Ao que aparenta, dois atores. O que capta e o que aprecia o registrado. Seres carregados. De caldo e cultura. E que permitem serem individualizados. Individualizando a responsabilidade. Culpando o mais indefeso. Garantindo que até o belo está na dependência da aptidão individual.

Dessas palavras, vale o otimismo. Mas, tudo em uma fotografia é de alguma forma importante? O feio parece perpétuo, mas esse potencial de embelezamento assombra. Se descoberto acabam banalizando o belo. Disseminando-o.

O belo precisa do feio. O feio é a referência. É o ponto da discórdia. É de onde escapa a energia que transforma. Então, tudo à sobrevivência do feio; não ao tudo belo. E o belo, esse, é imutável. Não se quer diferente. Ou endoidastes? A suas voltas são com o tempo. O amanhã apavora. O tempo carcome e nesses deixam marcas.

Para provar do belo, a visão. Transmutação em globo ocular. E o canal. As fotos, os terrenos a percorrer. Ver. O disfarce é de um

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares

Thiago Rossi Viana

apreciador de fotografias. De alguém que pode, dependendo da sorte, encontrar o belo.

Em alguns pontos amarrados, mas com liberdade de tudo até onde a corda alcançar, a ideia é deixar o olhar percorrer. Deixar ver. Correr riscos.

Ver para possuir. E reter. Transformar da minha maneira. E ao autor, só o mérito da obra. A obra-mãe de todas as outras possíveis.

Kossoy (2001) confirma a missão do indivíduo. Para olhar (para ele, analisar) a foto: bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional. E ainda, apontamentos.

Essas imposições são portas que cercam, mas que possuem chaves. O desafio é esticar as cordas. Alongar as possibilidades. Permitir.

Visões são pilares que sustentam a sobrevivência. A mirada é só mais um novo pilar, que se planta de baixo. Não se faz em si, mas deflagrador.

O PRIVILEGIADO

Antes do dedo no gatilho, a última olhada. Tava tudo lá. Depois, nunca mais. Desmanchou no tempo. Quem teve o prazer, só um indivíduo. O autor de foto, o fotógrafo. Aquele que mais pode se aproximar do que era.

Sontag (2004), em quatro palavras afirma que o fotógrafo saqueia e também preserva, denuncia e consagra. Assim, fotografar expõe. Faz opinar. Transparece.

Kossoy (2001) diz que o fotógrafo é um filtro cultural. Prerrogativas que interferem. Ou determinam. Insiste que o registro visual documenta [...] a própria atitude do fotógrafo diante da realidade (Por conta dos colchetes seria citação literal ou paráfrase?).

Ao fotógrafo, a sua parcela de culpa pelo belo. Responsabilidade perene. E desculpável. Mas os louros, sempre. Foram a visão e o pensamento. Olharam, fixaram e disseram. E não mais pode ser apagado. Eles viram primeiro, disseram primeiro.

AS TRILHAS

O apreciador de fotografias. Apreciar que no dicionário permite prezar, primar algo. A fotografia possibilita a contemplação do que merece estima, consideração. A imagem petrificada naquele quadrante deflagra emoções diversas e indescritíveis. Abalam a psique, despertam sensações.

Nesse momento, damos conta da lembrança. Que a memória é um “órgão” que tem o poder de nos levar ao tempo da fotografia. Mas, como ativar e chegar lá? Qual trilha tem o chão mais macio?

Benjamin (1994) aponta com a sua aura. Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais; a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja: “Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, até que o instante ou a hora participem de sua manifestação, significa respirar a aura dessa montanha, desse galho” (BENJAMIN, 1996, p. 101).

Da aura, não só o cheiro. Quero o caldo. Morder os pedaços e descobrir. Ver é só o começo.

A gravitação será sobre um conjunto de capturas do fotógrafo brasileiro Claudio Edinger². São Paulo, Rio de Janeiro e Paris. Escolha aleatória. Mas, com uma norma. Todas as fotos usam o recurso do foco

² Fotografias disponibilizadas no sítio do próprio fotógrafo: <<http://www.claudioedinger.com>>

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares

Thiago Rossi Viana

seletivo. Na mesma foto, o foque e o desfoque. O nítido e o embaçado. O visível e o obscuro.

O plano focado é o caminho da busca, também do autor. É para onde a luz chama e o olhar se dá. Que capta a atenção e diminui. Que faz perguntas e supõe respostas.

Focalizar é natural para os olhos. Que tendem a priorizar o que possui grande potencial de importância. Que selecionam o que ver. Dispensam o entorno, que já está menor. Permitem o detalhe. E informam.

Mas, alto lá. A imagem precisa de tudo. Como o universo. O desfocado faz parte e está ali. Vendo você ou não. Basta desiludir. E olhar. Optar não pode ser anular, aniquilar os não escolhidos. Eles coexistem. Complementam-se e se explicam. E são comparados. O foco surge no primeiro olhar. Do autor, que escolheu o que ver. Ou, como suspirou Kossoy (2001), do que o autor pode ver.

Focalizar é escolher. Optar e graduar. Mas o preço é alto. Pensar grande, olhar grande, câmera grande de 4x5 polegadas como suporte fílmico ou mais. Um trambolho com pés. E o plano da lente, para mirar o olhar, ainda se libertou da câmera. É independente. Vai e vem. Como uma sanfona.

Essas câmeras grandes têm mais poderes. Podem diminuir as coisas. Tornar miniatura um gigante. Apequenar. Algumas mais. Como a Praça Ramos de Azevedo que virou presépio. De detalhes renascentistas e equilibrados. Completo. Com a linha torta, a escada sobe menos e o prédio desce mais. E o autor conseguiu (Figura 1).

Viaduto em cidade grande. Signo e consternação. Movimento que os planos nítidos congelam. E propõe parar e perguntar. Mas sem demora. Que o tempo desfocado não parou. E te ignora. Com o seu olhar (Figura 2).



Figura 1 – Parquinho

Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

O foco quase sempre centraliza. Leva para o meio. E arrisca. O pedaço de uma árvore, na frente, podia chatear. Desagradar. Mas a sua forma encaixou na foto. Moldou. E no fundo, uma lei da foto. No ponto de ouro, um fecho da história. Uma camisa amarela vendo o tempo ser riscado pela lataria do carro. As bordas dessas fotos enegrecem (Figura 3).

Surge Deleuze (1985). Toda imagem não passa de um caminho (DELEUZE, 1985, p. 78). Mas nas fotos, só um caminho. Uma passagem sob árvores que clareia só no fim. E o foco vem salvar. Junto com a luz, que substitui o ar. Que pelo buraco nítido da fenda que quase rasga ao meio. Que deixa ver, entrar o céu. Clarear para caminhar sob as árvores.

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares
Thiago Rossi Viana



Figura 2 – Retorno

Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.



Figura 3 – Raiz quadrada

Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.



Figura 4 – Respiro
 Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

Se selecionar o foco é guiar os olhos, por que não o mais belo? Seria o medo de dizer o mesmo. De diluir? Com a torre de Paris não se brinca. É escolha certa. Natural. O carrossel, então, só esta para mostrar as possibilidades. De um pequeno olhar, por exemplo. Que não pode tirar a torre para mais brinquedos, mas que vê primeiro as pernas do seu cavalo (Figura 5).



Figura 5 – Uma torre
 Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

O autor caminha com Deleuze (1987, p. 39): “*La camará ya no se contenta en seguir unas veces el movimiento de los personajes*” [...]. Nas fotos, todas as vezes. Às pessoas, o desfoque. A história pode ser maior. O parque só permanece por causa do verde. A luz, à esquerda, só chega pra clarear o verde nas noites. E aquele desfoque, no tempo eterno da foto, é só a pessoa do parque. Que vai. Nos corredores que serpenteiam, um convite aos olhos. As linhas brancas molduram e dinamizam. Agradável. Aos seres, o papel de escala. De dizer o tamanho. Régua humana (Figura 6).



Figura 6 – Desfeito
Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

O que o foco não quer pode ser indolor. Mas será sempre imperdoável. O hábito não pode restringir. Viver o dia não deveria diminuir o olhar. Comprimir o espaço.

Poderiam multar.

A torre de Paris como atriz principal. Centrada. Sustentada nas bases. Luzes que convidam a passagem e um céu de fundo. De Paris. Então, por que escolher? Por que não olhar tudo? (Figura 7)



Figura 7 – Horizontal
Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

Olhar tudo é pretensão. Na foto, um risco. O foco revelou detalhe em todos os elementos. Essa imagem permite uma história. Que ultrapassa.

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares

Thiago Rossi Viana

A visão da foto não é dada a todos. É singular. Desconsiderar uma boa parte da torre só pode ser atitude de um, do nativo. A vida diária não deixa ver. Ocupa e não olha. Não levanta a cabeça. E quase nem cheira. E quando não se vê, desmancha. Dilui. E com a distância desaparece. Nunca totalmente, mas o que fica está borrado, desfeito. A esperança é o olhar. Que clareia. Detalha e desafia.

Mas a torre é o principal. Na frente, de pé. Rachando a foto. Visão de quase todos. E está posta, basta olhar. Com esforço. E levantar a cabeça pode ser o começo.

Os planos de foco cercam. E criam novos mundos. Novas possibilidades. No mar de prédios de São Paulo, surge uma pequena cidade nítida. No seu mundo. Espremida pelo cinza inerte. Mas existindo do seu jeito. Resistindo (Figura 8).

As possibilidades de um elemento são infinitas. O desfoque pode tudo. Enganar. Subverter. Desmanchar. Desfazer. Até vidência.



Figura 8 - Outra forma

Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.



Figura 9 - O vão

Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

Pode construir imagens mentais. Que já estão postas. É o poder de subentender.

O MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand) já existe e não precisa de detalhes. Sua forma está posta. E mentalizada. Passamos a ser o arquiteto. O desfoque ativa o cérebro. Que lembra. E completa as linhas. Inevitável (Figura 9).

O tempo não é o mesmo em toda a fotografia. Varia conforme a importância. No foco, o nítido paralisou. Em um só momento. E os detalhes estão lá. No desfoque, foi lento. Em vários instantes. O movimento comprova os tempos.

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares
Thiago Rossi Viana

No engarrafamento da avenida, as luzes vermelhas. Estão freando. Em um processo. Que está em curso, e vai demorar. Culpa do desfoque. Da velocidade do obturador. Que prolonga o tempo. Em fatias grossas (Figura 10).



Figura 10 – Indo
Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

O potencial de um elemento não está concentrado. Está espalhado. Em vários outros. Nas fotos, não só o foco. O importante. Mas outros estranhamentos. Que compõem.

Ainda nas avenidas engarrafadas, algumas dicas. Engarrafamento, ônibus, falta de espaço, prédios cercado. Pouca luz, ar sujo. Uma cidade grande. Assim, por que deixar metade da foto para o verde? Não seria exagero? E ainda com partes focadas. Ironia, certamente.

Mas agora, o Rio de Janeiro em preto e branco. Provocação. Que o fotógrafo profissional busca desafiar e subverter os temas que Sontag (2004) já dizia. E pode até ter razão. Então, por quê? (Figuras 11 e 12)



Figura 11 – Enquadro
Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.



Figura 12 – Praia
Disponível em: <<http://www.claudioedinger.com>>. Acesso em 09/09/2012.

O nítido e o obscuro da visão: propondo olhares
Thiago Rossi Viana

Para o autor ver com seus olhos em preto e branco. Para comprovar. Ter o seu olhar. Dizer. Mostrar que nada está completo. Comprovado. Que sempre há uma nova possibilidade. Que os riscos impedem. Mas também desafiam.

Olhar permite escolher o detalhe. Optar pelo importante. Selecionar. E conhecer. Para concordar com Susan Sontag. ☉

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996. 253p.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 324p.

_____. **La imagen-tiempo**. Barcelona: Paidós, 1987. 391p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 163p.

NEIVA JR., Eduardo. **A imagem**. São Paulo: Ática, 2006. 96p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 224p.

Submetido em Março de 2012.

Revisado em Maio de 2012.

Aceito em Agosto de 2012